

# MARXISMO, HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E HISTÓRIA SOCIAL NA INGLATERRA: O LEGADO DE BRIAN SIMON

Marisa **Bittar** – UFSCar

Agência Financiadora: FAPESP

## **Introdução**

O processo crescente de internacionalização do conhecimento vem ganhando força desde o final do século XX evidenciando os benefícios do diálogo e troca de experiência entre pesquisadores. Essa tendência resulta principalmente da combinação entre a necessidade de intercâmbio acadêmico-científico como um requisito da produção de conhecimento praticada pelos Programas de Pós-Graduação no Brasil e as possibilidades que vem sendo criadas pela revolução técnico-científica.

Desde as lutas contra a ditadura militar, a área acadêmico-científica no País vem se mobilizando e buscando esse intercâmbio que, no passado, ocorreu principalmente por meio de doutorados realizados fora do Brasil. A área de História da Educação vem contribuindo com esse processo que se iniciou na década de 1970 (ANPEd, 1977) e se fortaleceu nas seguintes, com a criação do Grupo de Trabalho em História da Educação (ANPEd, 1984); Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” - HISTEDBR -(UNICAMP, 1986), e Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE, 1990). Fóruns internacionais, como o Congresso Luso Brasileiro de História da Educação e os Congressos Ibero-Americanos de História da Educação Latino-Americana , realizados desde 1992, são fortes demonstrações da tendência à internacionalização.

A pesquisa aqui apresentada decorre dessa tendência e da iniciativa em tornar mais conhecida a História da Educação da Inglaterra<sup>1</sup>. Essa história, que talvez no Brasil seja mais lembrada pelas lutas dos trabalhadores no contexto da Revolução Industrial, de certo modo não chama atenção depois, deixando a impressão de que no século XX o sistema nacional de educação inglesa teria sido edificado sob os pilares da plena universalização e democratização. No entanto, não foi bem assim que a história aconteceu e o estudo da obra de Brian Simon (1915-2002) é a prova de que as lutas

---

<sup>1</sup>A obra de Brian Simon focalizou a Inglaterra que, juntamente com o País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte, compõe o Reino Unido. A Grã-Bretanha reúne os três primeiros países, não incluindo a Irlanda do Norte. Ao longo do texto, os três termos, Inglaterra, Reino Unido, e Grã-Bretanha, serão empregados conforme a situação a que se referirem.

prosseguiram. Típico intelectual de esquerda do século XX, membro do Partido Comunista Britânico, líder da campanha pela escola secundária comum e com vasta obra publicada, Brian Simon teve trajetória marcante no cenário educacional britânico. Foi professor da escola secundária após a Segunda Guerra Mundial e de História da Educação na Universidade de Leicester, pela qual se aposentou em 1980.

Os objetivos da pesquisa foram: Conhecer se e quanto a sua obra contribuiu para a organização do campo da História da Educação como parte da História Social; em que medida ela colaborou para a construção do moderno sistema nacional de educação na Inglaterra; a possível influência do pensamento de Gramsci na campanha pela escola secundária única (comprehensive school).

As fontes primárias constituíram-se de documentos não publicados no Arquivo do Instituto de Educação em Londres. Quanto às obras publicadas, foram consultados os quatro volumes de Brian Simon sobre a história da educação inglesa desde o século XVIII até o final do XX, editados concomitantemente às drásticas mudanças do contexto político britânico: o primeiro veio a público em 1960, no auge da Guerra Fria; o segundo, em 1965, durante o governo trabalhista e expansão das “comprehensive schools”; o terceiro, em 1974, num período de crescimento econômico e tensões sociais e o último, em 1991, logo após a queda de Margareth Thatcher como Primeira Ministra da Grã-Bretanha. Outros livros seus como também de intérpretes constituíram as fontes da pesquisa, além de uma entrevista com o Professor Clyde Chitty, da Universidade de Londres, por ele ter sido contemporâneo de Brian Simon nas lutas pela “comprehensive school”. A tradução dessas fontes é de responsabilidade de quem escreve este texto.

### **“Comprehensive school”: a batalha contra o elitismo na escola secundária inglesa**

Uma das influências para que Brian Simon desenvolvesse a campanha pela escola secundária comum foi a formação recebida dos pais. Ele originava-se de uma família cujos princípios alicerçavam-se na tradição liberal. Tanto o pai quanto a mãe eram fortemente comprometidos com questões cívicas e provenientes de alta classe média que enviava seus filhos ao curso preparatório e, no caso dos rapazes, a Oxford ou Cambridge. Foi nessa Universidade, estudando Língua Inglesa e Economia que o jovem Brian Simon tomou decisões que definiriam a sua futura trajetória. A primeira, a adesão ao Partido Comunista da Grã-Bretanha em 1935 no Trinity College, “ponto focal de

reuniões políticas”<sup>2</sup>, pois, segundo sua autobiografia, os estudantes da sua geração aderiram à esquerda não por estarem interessados em política no abstrato, mas porque a conjuntura histórica não comportava indiferença ante a escalada nazifascista na Europa. Para muitos deles, incluindo seu irmão Roger Simon, o marxismo exerceu influência formativa. A segunda decisão, o interesse pela educação pública, diferentemente da primeira, não foi seguida por seus colegas, que nada sabiam sobre o Estado ou a manutenção do sistema de educação e de suas escolas, tendo sido educados fora dele, mas o seu caso era diferente.

No contexto político europeu no qual a democracia liberal estava ameaçada pelo nazi-fascismo e acreditando na escola pública para a formação de cidadãos-líderes, seu pai, Sir Ernest Simon criara, em 1934, a *Association for Education in Citizenship* declarando que naquele momento nada era mais necessário do que formar alunos para os deveres públicos da cidadania visando um Estado democrático. Quanto à mãe, Shena Simon, trabalhara como membro ativo no Comitê de Educação Pública de Manchester e ingressara no Partido Trabalhista como uma reação direta à política educacional conservadora em 1935. Atuante nesse Comitê por quarenta anos, foi uma das signatárias do Relatório Spens, em 1938, sobre o futuro da educação secundária. Mais tarde publicou o livro *Three Schools or One?*, o primeiro que propagava, na Inglaterra, a escola secundária única para todos (comprehensive school). Por isso, ao comparar a sua experiência juvenil com a dos colegas em Cambridge, Brian Simon escreveu que os problemas da educação pública e da sua manutenção pelo Estado lhe eram familiares, mesmo que por “segunda mão”, a mão de sua mãe.

Para se tornar professor da escola secundária e realizar uma carreira completa no mundo da educação, ele buscou estudos pós-graduados no Instituto de Educação de Londres, em 1937, tendo sido eleito presidente do *The National Union of Students* (NUS). Ao explodir a Segunda Guerra Mundial estava em franca militância já que havia uma crescente determinação entre os estudantes de não permitir que as universidades, em qualquer parte do mundo, caíssem vítimas do controle e da ideologia fascista como havia acontecido na Alemanha, onde a resistência ao nazismo tinha sido fraca. Por se alistar nas tropas antifascistas, Brian Simon retardou o seu plano de iniciar a carreira de professor, que só começou em dezembro de 1945 na escola secundária em Manchester, onde, finalmente, envolveu-se com os “reais” problemas da educação, “aprendendo e

---

<sup>2</sup>SIMON, Brian. *A Life in Education*, p. 10.

ensinando em escolas públicas”<sup>3</sup>. Adquirindo experiência nos diversos tipos de ensino secundário, esses “reais” problemas passaram a lhe interessar mais de perto e no início da década de 1950 começou a campanha pela escola secundária única.

O país vivia os primeiros anos da reforma educacional do pós-guerra instituída pelo *Education Act* (1944) que expandiu a escola secundária até os 15 anos de idade, mas preservou o seu padrão seletivo: a de humanidades (grammar school), que preparava para o ingresso à universidade, principalmente Oxford e Cambridge; a técnica e a moderna para o mundo do trabalho. Nesse contexto Brian Simon defendeu que apenas a escola secundária única seria capaz de estabelecer um sistema nacional baseado na igualdade a que todos os alunos deveriam ter direito, desafiando a visão otimista de cunho liberal contrapondo uma análise das profundas desigualdades do sistema baseada na luta de classes. Essa campanha começou no auge da polaridade ideológica entre capitalismo e socialismo que no contexto da Grã-Bretanha foi definida como “guerra fria na área acadêmica”<sup>4</sup>. Essa “guerra” atribuiu a bandeira da “comprehensive school” a interesses soviéticos e a atuação de Brian Simon pela educação a uma finalidade meramente “política”. Ademais, o interesse do Partido Comunista pela educação foi considerado como um meio de impedir o esforço de defesa empreendido pela Grã-Bretanha, pois segundo a lógica dominante, quanto mais fosse gasto em educação, menos seria disponível para guerras.

A bandeira da “comprehensive school” tinha origem política porque nascia da análise de um contexto que, segundo Brian Simon, preservava a inequidade do sistema educacional britânico. Na condição de membro do Comitê Cultural do Partido Comunista, teve influência direta no grau de importância que ele passou a dar ao assunto. Postulando que os seus intelectuais desenvolvessem uma batalha ideológica contra a visão burguesa dominante nas ciências, artes, e educação, constatou a existência de aspectos ideológicos envolvendo a teoria e a psicologia da educação por meio dos quais a burguesia divulgava a sua visão de mundo. Também na história da educação, observou que questões ideológicas importantes permeavam o conteúdo, os métodos de ensino e a organização da escola. Contudo, se havia uma área mais deficiente de estudos progressistas e, portanto, na qual a contribuição do marxismo mais poderia ser necessária era quanto aos testes de inteligência, pois políticas educacionais

---

<sup>3</sup>SIMON, Brian. *A Life in Education*, p. 47.

<sup>4</sup>McCULLOCH, Gary. A people's history of education: Brian Simon, the British Communist Party and Studies in the History of Education, 1780-1870. *History of Education*, p. 445.

desde as décadas de 1920 e 1930 eram baseadas em um padrão hierárquico conhecido como “the 11 plus”, isto é, os testes que determinavam o futuro das crianças aos 11 anos de idade encaminhando a minoria para a “grammar school”, único acesso às universidades.

Brian Simon relacionou o combate a esses testes à campanha pela escola secundária única, pois eram eles que justificavam o caráter seletivo do sistema constituindo-se nos meios instrumentais no qual se baseava a divisão. Dessa forma, era necessária uma análise crítica dessa prática sustentada em critérios ideológicos que difundia a crença segundo a qual apenas uma pequena proporção da população era capaz de se beneficiar de uma sistemática educação secundária. Segundo ele, dois eram os mais graves efeitos dessa prática: o convencimento dos professores (com algumas exceções) de que a maior parte das crianças tinha capacidade para aprender pouco; a assimilação por parte das próprias crianças de uma auto-imagem negativa, o que afetava o seu nível de aspiração e, conseqüentemente, as suas conquistas. A teoria visava, ao mesmo tempo, convencer os pais das “deficiências inatas de seus filhos”<sup>5</sup>.

Os expoentes da psicométrie asseveravam ter construído testes que confirmavam a existência de uma inata qualidade da mente, “inteligência”. De acordo com eles, essa qualidade mental era a chave que determinava toda aquisição intelectual. Uma vez que ela era herdada no nascimento e não podia ser desenvolvida (melhorada), uma medida tomada na idade infantil podia predizer o nível futuro de desenvolvimento intelectual de qualquer criança. Desse modo, classificações e seleções das crianças nas escolas, de acordo com suas “inteligências”, eram necessárias tanto do ponto de vista social quanto do educacional.

Nessa época, a psicologia da aprendizagem soviética começava a ser referência e Brian Simon a empregou como fundamento teórico da sua crítica, pondo em questão o que a teoria burguesa entendia como inteligência e contrastando dois raciocínios: as pessoas já nascem com as habilidades que as tornam como tais, ou, ao contrário, o nosso desenvolvimento é principalmente devido à educação e experiências de vida? A segunda interpretação, segundo ele, colocava uma grande tarefa para a educação, ou seja, uma obrigação social de prover a mais rica experiência educativa possível particularmente aos jovens para que eles pudessem desenvolver suas potencialidades em

---

<sup>5</sup>SIMON, Brian. Contemporary problems in educational theory. **Marxism Today**, June, 1976, p. 172.

benefício de si mesmos e da sociedade. Décadas mais tarde, em uma conferência no Canadá, rememorou a forma pela qual se envolveu com essa questão:

Meu envolvimento nesse assunto data imediatamente do período do pós-guerra. Liberado do Exército em 1945, lecionei em Manchester e Salford, no primário, secundário moderno e nas escolas seletivas [grammar schools] que aceitavam somente 25% das crianças em idade de frequentar a escola secundária. A rigidez dessa estrutura hierárquica me chocou – especialmente porque o Education Act de 1944 parecia conter uma promessa de reorientar e humanizar o sistema escolar. (...) Desde os sete anos de idade, a classificação em rankings conferia apenas às crianças no nível. A possibilidade de sucesso aos onze e, assim, em um seletivo posto da escola de humanidades [grammar school] que monopolizava o caminho para a educação superior. (...). Havia apenas um meio de modificar esse sistema e esse meio era estabelecer uma única e comum escola secundária para todas as crianças – a comprehensive school, como ela agora é chamada<sup>6</sup>.

Em 1952, em uma conferência pública organizada pelo Partido Comunista, Brian Simon apelou para o fim da distinção entre escola de humanidades e técnicas como também pela abolição dos testes de inteligência. Desafiando o que parecia ser “a lei de ferro” da psicometria, que passava como inteiramente baseada em fundamentos científicos (biológicos), em 1953 publicou o livro *Intelligence Testing and the Comprehensive school* e, em 1958, no artigo *Secondary school selection: a reply to the intelligence-testers*, afirmou que os apelos da psicometria repousavam numa série de argumentos circulares e assunções não provadas. Estudos da psicologia da aprendizagem indicavam que não havia e nem poderia haver um critério objetivo de “inteligência”, portanto, não poderia haver justificativa para eles, pois, estabelecidos por esse critério e numa estrutura de divisão de classes no sistema educacional, o conceito de “inteligência” havia sido condicionado às classes sociais, e desse modo, os resultados dos testes indicavam que a classe média tendia a ser “inteligente” enquanto a classe trabalhadora tendia a ser “estúpida”. Para Brian Simon, era preciso uma nova teoria pela qual os professores e o ensino fossem colocados no centro do palco e as escolas funcionarem em função disso e não da psicometria; assim, os professores precisavam fazer suas próprias escolhas sobre a organização interna e estrutura das escolas, ao invés de se submeterem a uma “direção vinda de fora”<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup>SIMON, Brian. *Does Education Matter?* p. 113-114.

<sup>7</sup>SIMON, Brian. Secondary school selection: a reply to the intelligence-testers. *Marxism Today*, January 1958, p. 19.

Quase vinte anos depois essa prática ameaçava voltar. Por isso, em 1970, quando a psicométrica justificava práticas racistas nos Estados Unidos segregando crianças negras e começando a repercutir na Grã-Bretanha, ele voltou ao tema defendendo o princípio de que a inteligência não depende de raça ou classe.

A chave interpretativa empregada por Brian Simon na defesa da escola secundária comum como elemento indispensável para construir um sistema nacional de educação baseado na igualdade resume-se na indagação: “*Can education change society?*” Criticando a visão liberal, o otimismo do final do século XIX e o pessimismo da sociologia determinista do século XX, argumentou que a educação *pode* mudar a sociedade. Coerente com os pressupostos marxistas, essa convicção não significava ignorar ou minimizar o fato de que a contradição central do capitalismo reside na exploração do trabalho humano e no antagonismo entre as classes sociais; ao contrário, em 1937, durante o seu ano acadêmico no Instituto de Educação, ele já argumentava que “a escola é sempre uma função da sociedade, não podendo diferenciar-se radicalmente dela já que é parte dela”<sup>8</sup>. Mas, como educador e teórico atuando nos marcos do capitalismo, lembrava que para Marx a chave para a mudança é a atividade humana subjetiva. Nesse sentido, em *Does education matter?* tratou da relativa autonomia que a educação pode exercer em relação aos fenômenos estruturais da sociedade mostrando as lutas empreendidas para isso.

Nos seus estudos, Brian Simon concluiu que a escola do século XIX havia provido um tipo de educação barata para a classe trabalhadora e que, desde 1870 (*Elementary Education Act*), a burguesia, por intermédio do Estado, dominava o sistema educacional tanto na sua estrutura quanto no seu conteúdo. Para ele, os conflitos de classe haviam sido mais fortes naquele século enquanto a reforma de 1944 refletia uma posição mais frágil da classe dirigente. No entanto, a classe trabalhadora deveria se mobilizar fortemente a fim de assegurar a sua total realização, incluindo o desenvolvimento de escolas comuns, aumento da idade-limite da escolaridade obrigatória, expansão do ensino superior, melhoria nas construções de escolas e formação de professores. Em 1972, a idade para deixar a escola subiu de 15 para 16 anos. No entanto, o caráter seletivo persistiu e, por isso, Brian Simon prosseguiu até o fim na crítica ao elitismo que preservava a essência do sistema seletivo (escolas humanísticas e escolas para o trabalho). Ele combateu as políticas de cunho neoliberal

---

<sup>8</sup>SIMON, Brian. The function of the school in society. *Simon's Archive*, SIM/5/2/5, October 1937.

da “era Thatcher” e também as do governo trabalhista de Tony Blair que enfraqueceram as “comprehensive schools” contribuindo, assim, para a permanência do caráter seletivo. Em 2001, escreveu que uma sociedade inclusiva requer uma escola secundária comum como condição-chave e que o objetivo central dessa escola é abrir novas oportunidades para todos e não para poucos. Dessa forma, a longa luta entrava em nova fase.

### **O pensamento de Gramsci e a campanha pela “comprehensive school”**

Em texto não publicado, Dario Ragazzini informa que até o início da década de 1980 eram raras as publicações sobre Gramsci em língua inglesa<sup>9</sup>. A tradução de sua obra ocorrera em 1971 sob supervisão de Roger Simon e um artigo de Brian Simon compunha o rol de três. Nele, Gramsci é citado como um dos mais importantes teóricos do marxismo a se preocupar profundamente com a natureza e o papel da educação. Mas Brian Simon conheceu esse pensamento quando os pilares teóricos da sua tese sobre “comprehensive school” já estavam elaborados. Ele se mostrou de acordo e às vezes questionador de aspectos da teoria gramsciana, como no artigo *Contemporary Problems in Educational Theory*, publicado em *Marxism Today*, em junho de 1976 (p. 169-177).

1. “Seu objetivo [da escola primária] é o que ele [Gramsci] chama de ‘escola criativa’-organizada como um coletivo e desenvolvendo capacidades para a criatividade intelectual e prática, e para a autonomia de iniciativa e orientação. (Pode-se supor, incidentalmente, que Gramsci esteja especulando aqui sobre a natureza da educação e da escolaridade em uma sociedade socialista)”;
2. “Gramsci refere-se à necessidade de ‘verdadeira e ativa participação’ do aluno na escola. A relação entre professor e aluno é vista como recíproca e ativa de tal forma que cada professor é também um aluno e cada aluno um professor. (Essa difícil mas, no meu ponto de vista, estimulante concepção da natureza do processo educacional deriva, em Gramsci, da tese central do pensamento de Marx, Teses sobre Feuerbach, e particularmente daquela em que Marx refere-se à dialética da mudança social – ‘o educador precisa ser educado’)”;

---

<sup>9</sup>RAGAZZINI, Dario. The Educational Theory of Gramsci in the English Language. s/d. **SIM/6/3/2**.

3. “Novamente enfatizando a natureza ativa da escola comum, Gramsci escreveu: ‘A escola comum é uma escola ativa, embora seja necessário colocar limites às ideologias libertárias nesse campo e enfatizar com alguma energia o dever da geração adulta para ‘moldar’ a nova. (Fora de moda, talvez, mas certamente correto, BS)’”;
4. “Gramsci estabelece que ‘a escola ativa ainda está numa fase romântica, na qual elementos de luta contra a escola mecânica e jesuítica tornaram-se exagerados – pois o seu desejo é o de distinguirem-se claramente delas e também por razões políticas. É necessário, ele [Gramsci] acrescenta, ‘entrar na fase clássica e racional, e encontrar as fontes para desenvolver apropriados métodos e formas’. Este parágrafo é, na minha interpretação, de valiosa importância, já que é nesse exercício, eu sugiro, que as forças progressistas e de esquerda estão, neste momento, engajadas em nosso país”;
5. “Como Lênin, Gramsci era crítico quanto ao que ele também chamou de ‘velha escola’. Mas tal como Lênin, negou que a educação devesse ser baseada tão somente na chamada cultura específica da classe trabalhadora. Ambos pretendiam retirar o que fosse melhor – o que fosse essencial – da velha escola e transformá-la, mantendo rigoroso nível de estudo e de conquista intelectual (Gramsci particularmente advertia contra a tentação de jogar fora essa dimensão da educação)”.

Em um curso ministrado na Austrália, em 1981, Brian Simon incluiu no Programa a unidade “Antonio Gramsci: educação e sociedade” como ferramenta teórica para contrapor as teorias deterministas<sup>10</sup>. Obsessivo na convicção sobre a possibilidade de mudança, criticou a teoria da reprodução econômica (Bowles e Gintis) e a teoria da reprodução social (Bourdieu) destacando que a utilidade da teoria da reprodução era limitada por sua incapacidade de explicar as mudanças históricas e sugeriu que a teoria da hegemonia de Gramsci fornecia o melhor modelo para interpretar a educação na Inglaterra.

### **História da Educação e História Social**

Em 1960, quando Brian Simon publicou o livro *Studies in the History of Education*, o primeiro da sua série de quatro volumes sobre a história da educação na Inglaterra, ele era quase um desconhecido nesse campo.

---

<sup>10</sup>SIMON, Brian. Arquivo. **SIM/6/3/1**. 1981. (Visits abroad).

Até a metade do século, a historiografia dominante era marcada pela narrativa baseada nos atos e fatos (crença de que os eventos falam por si mesmos), pelo otimismo em relação ao papel da educação no gradual progresso social e indiferença quanto à contribuição dos professores e diretores no desenvolvimento da escola. Além disso, enfatizava a educação formal, especialmente a das instituições das elites, como Oxford e Cambridge. Esse tipo de abordagem perdurou até a década de 1960, mas na de 1930 emergiram sinais de luta pelo futuro do campo. Uma interpretação alternativa começou a emanar do Instituto de Educação, na Universidade de Londres, por iniciativa de Fred Clarke, seu diretor (1936 - 1945). Formado em Sociologia e História, recebeu influência de Karl Manheinn e, de acordo com McCulloch, criticou a tradição baseada na escolaridade de muitos a serviço e conveniência de poucos identificando segregações no sistema nacional de educação inglês baseado mais na diferença social do que na educacional. Como pensador liberal, preconizava coragem e cautela para desafiar mudanças e publicou um pequeno mas importante livro *Education and Social Change* (1940) que marcou o campo ao estabelecer a conexão entre Educação, História, e Sociologia. Segundo Brian Simon, o Instituto se tornara a melhor referência em educação, inclusive por contar com “um verdadeiro inovador, Fred Clarke”<sup>11</sup>. Mais tarde disse ter recebido dessa obra “uma influência imediata”<sup>12</sup> pois ela criticara a “cegueira social”<sup>13</sup> inglesa insistindo em uma nova abordagem que revelasse a influência histórica e social que havia moldado tão fortemente as diferenças entre escolas secundárias e o que se ensinava dentro de cada uma delas. Vista por esse prisma, a história da educação passava a ser menos uma coleção de atos e fatos e mais uma nova interpretação que conferia vital contribuição à história social.

No plano teórico, Brian Simon criticou a visão liberal dominante, contribuindo para desenvolver o campo da história social, rejeitando mitos da historiografia tradicional, que enaltecia como “pioneiros” da educação britânica os reformadores do século XIX. Para ele, ao contrário, os verdadeiros “pioneiros” dessa educação eram os trabalhadores e suas organizações políticas. Ao considerá-los como protagonistas do processo de democratização da escola, Brian Simon inovou a historiografia e inseriu a história da educação como um dos campos mais dinâmicos e importantes da história social, área que se encontrava em constituição nas décadas de 1950 e 1960 na Inglaterra.

---

<sup>11</sup>SIMON, Brian. *A Life in Education*, p. 13.

<sup>12</sup>SIMON, Brian. *A Life in Education*, p. 60.

<sup>13</sup>SIMON, Brian. *The history of education*, p. 98.

Ao levantar novas questões para a história da educação como a inequidade do sistema educacional, que legitimava a diferença de classes sociais; a necessidade de luta pela escola secundária comum; a importância da participação dos professores na organização e estrutura da escola; e os conteúdos escolares, ele contribuiu para alargar as suas perspectivas fazendo com que ela respondesse a tais questões, ao mesmo tempo em que se tornava um campo de conhecimento especializado e parte da história social.

Na década de 1940, o Partido Comunista atraía intelectuais que inovaram a análise da História; destacando-se A. L. Morton, que editou *People's History of England*, (mais de cem mil cópias até os anos 1970), e Maurice Dobb, que na área da história econômica produziu um livro ainda mais influente *Studies in The Development of Capitalism* (1946). A historiografia marxista tinha natureza político-ideológica, pois apoderava-se do passado para fazer o futuro, mostrando-se como uma história do povo comum. A interpretação de Brian Simon foi importante nessa direção ao trazer para o interior dessa historiografia temas sociais e isso porque optara pela atuação política em uma das dimensões da vida social: a educação.

Ele criticou a interpretação liberal da História em uma área que desejava mudar, e por isso, estabeleceu uma abordagem do passado tendo em vista o compromisso com o presente e com o futuro. Como mostrou Gary McCulloch, Brian Simon rejeitou a visão liberal sobre os “pioneiros” enfatizando que havia sido a classe trabalhadora na sua persistente luta contra a burguesia na década de 1950, que tornara a educação possível para ela. “Esses foram os reais pioneiros da educação inglesa”<sup>14</sup>. Com essa perspectiva, ele valorizava a história da educação como campo disciplinar e a importância desse conhecimento para encorajar a continuidade da luta. O seu compromisso com a História, portanto, foi marcado pela ação política e a sua abordagem cunhada como “história popular” tendo como características o alargamento das bases interpretativas e a expansão dos seus problemas de estudo, fazendo uso de novas fontes de pesquisa e, assim, oferecendo novas alternativas de conhecimento.

Considerando que no pós-guerra uma das principais preocupações dos historiadores era entender as questões relacionadas ao Estado-nação, à cultura nacional e, conseqüentemente, ao sistema nacional de educação, Brian Simon estabeleceu a estreita relação entre o desenvolvimento do sistema de educação e o caráter mais amplo da sociedade sugerindo que, a despeito das limitações, a educação havia contribuído

---

<sup>14</sup>SIMON, Brian's papers, 1953. In: McCULLOCH, Gary. *The struggle for the History of Education*, p. 45-46.

para mudanças sociais. Sobre o atraso inglês, em um estudo comparativo entre esse sistema, o da Alemanha e o da França, concluiu que o da Inglaterra era marcado pela “segmentação”. Apesar disso, encontrou evidências que comprovavam essa contribuição e, ao longo dos seus estudos posteriores e da campanha pela escola secundária única, persistiu nesse princípio explicativo. A possibilidade de transformação foi, portanto, o traço teórico que distinguiu a sua interpretação em relação à visão liberal e às concepções deterministas.

Ao lado disso, na docência universitária se empenhou para que os futuros professores valorizassem a profissão e tivessem dela uma visão radical que contribuísse para a mudança social, além de atuar na organização do campo da história da educação, desenvolvendo intercâmbios acadêmicos com os países da Europa, Japão, EUA, Canadá e Austrália. Isso ocorreu principalmente depois da publicação do segundo volume da sua coleção, que o tornou o principal historiador da educação na Grã-Bretanha e um dos fundadores, em 1967, da Sociedade de História da Educação (HES – *History of Education Society*). Equidistante de uma postura dogmática e academicista, abriu a Sociedade para grupos externos a ela, como trabalhadores interessados em suas próprias histórias, professores e estudiosos individuais, conferindo-lhe uma dimensão mais larga que a alta especialização de interesse exclusivo dos historiadores. Em 1978, ampliou a sua presença no debate internacional sobre história da educação fundando o ISCHE (*International Standing Conference for the History of Education*) do qual foi o primeiro presidente (1978-1982) e responsável pelo intercâmbio entre estudiosos da história da educação da Europa Ocidental e Oriental, destacando-se a cooperação com a historiadora Olga Salímovna com quem escreveu *Why should we teach History of Education?*

Segundo David Reeder, com essa atuação nacional e internacional, Brian Simon encorajou e influenciou gerações de historiadores nos anos 1970 e se sentia orgulhoso pela forma como a história da educação estava sendo transformada. Essencialmente, ela passava a ser marcada pela ‘history from below’, talvez a mais significativa mudança interpretativa operada nesse campo. Roy Lowe, em 2002, analisando os quarenta anos da constituição do campo registrou que a sua própria formação como historiador da educação transcorreria exatamente quando o debate sobre a ‘history from below’ era recepcionado<sup>15</sup> e Brian Simon marcava o seu lugar na história social contra os

---

<sup>15</sup>LOWE, Roy. Do we still need history of education? *History of Education*, v. 31, n.6, November, 2002, p. 494.

paradigmas da disciplina na época. Coincidindo com a análise de McCulloch, Roy Lowe também constata que o seu reconhecido lugar no campo da história social justifica-se pelo fato de ele ter desenvolvido a crítica à visão liberal introduzindo a classe trabalhadora como principal protagonista e, assim, inaugurando a corrente que recebeu o título de “história popular”, a história das camadas populares até então excluídas da historiografia. A partir desse começo, a história da educação na Inglaterra foi sucessivamente marcada por distintas abordagens: história comparativa, sociológica, psicológica, feminista, étnica. Com tais abordagens, a contribuição da história da educação para a história social, segundo Lowe e McCulloch, foi inegável, entendendo como história social a História que se insurgia contra os cânones da visão liberal, especialmente contra o primado do aspecto político oficial e da descrição dos atos e fatos.

## **Conclusão**

Originário da alta classe média, Brian Simon desafiou o *establishment* acadêmico britânico ao elaborar uma nova interpretação no campo da história da educação, baseada nas contradições de classe. Ele interpretou a educação como *possibilidade* de mudança, enfatizando a flexibilidade e complexidade da inter-relação entre educação e sociedade, particularmente quando analisada historicamente, rejeitando a visão idealista predominante no início do século XX como também a determinista em voga nos anos 1970. Sua concepção foi essencialmente anti-elitista e humanística, a favor da escola secundária igual para todos e contra a separação entre escola de humanidades e escola para o trabalho.

A teoria gramsciana sobre a “scuola única” não foi o fundamento teórico inicial que embasou a proposta da “comprehensive school”, já que quando Brian Simon começou essa campanha, no final da década de 1940, a obra de Gramsci não estava traduzida na Inglaterra, o que aconteceu muito depois (1971). No entanto, pelo fato de ambas estarem baseadas nos pressupostos de Marx sobre uma educação igual para todos abrangendo formação intelectual, física e tecnológica, os pontos em comum entre ambas são óbvios.

Em comparação com outros países europeus, Brian Simon mostrou o atraso da Inglaterra em edificar o seu sistema nacional de educação, persistindo a “segmentação”. Elaborou essa nova historiografia concomitantemente à atuação orgânica pela educação

pública, isto é, a escola secundária comum, conferindo ao marxismo a dimensão da práxis. Comprometido com a mudança, dedicou-se principalmente a entender e a escrever sobre a educação inglesa, uma obra focalizada em uma determinada realidade histórica que lhe proporcionou projeção internacional.

A sua contribuição foi essencial para o campo da história da educação na Grã-Bretanha no século XX e para a sua relação com a história social. Apesar disso, como historiador marxista e educador, tal contribuição não tem sido totalmente reconhecida. Diferentemente dos intelectuais de sua geração que deixaram o Partido Comunista quando da invasão soviética na Hungria (1956), o seu trabalho foi menos notado que o deles, quando não hostilizado. Além disso, a sua devoção à educação e o trabalho em um departamento de educação o separou do “padrão” dos historiadores.

Balanços, homenagens e críticas à obra de Brian Simon começaram a ser elaborados antes de sua morte classificando-o como o mais importante e influente historiador da educação inglesa do século XX. Em 1992, *Rethinking radical education. Essays in honour of Brian Simon* confrontou sua obra com as novas tendências da historiografia no final do século XX reconhecendo-a sua grandeza, mas criticando-a pelo fato de a sua interpretação sobre a inequidade do sistema educacional inglês não ter considerado o interesse de gênero e o de outros grupos sociais. Ademais, pesquisas sobre diferenças de gênero, o papel da família, das etnias, cultura e identidade nacional, religião, experiência de aprender e ensinar, e biografias individuais haviam sido bastante desenvolvidas desde as últimas décadas do século, colocando em xeque a preocupação com classe social. Brian Simon não respondeu a essa crítica, mas Clyde Chitty afirmou que ele “morreu triste” por não ter sido compreendido pela nova geração e destacou que “raça e gênero não eram conceitos dominantes nos anos 1950 e 1960 quando Brian Simon escreveu sua mais importante obra”<sup>16</sup>.

No contexto de uma historiografia diversificada, a sua obra hoje parece datada e o interesse na campanha pela igualdade educacional entre as classes sociais, pequeno. Conforme mostrou Gary McCulloch sobre a história do ensino secundário na em quarenta anos (1972-2011), pouca atenção foi “dada às formas de educação secundária para a maioria dos estudantes e pouca contribuição ao entendimento dos debates em torno da organização das ‘comprehensive school’ na década de 1960, notadamente por

---

<sup>16</sup>CHITTY, Clyde. *Entrevista*. London, 30 January 2012.

Brian Simon”<sup>17</sup>. Assim, apesar de sua bem sucedida interpretação, a questão a saber hoje é se o campo da história da educação tenderá a computar os conflitos entre as classes sociais na análise do processo educativo.

Do Instituto de Educação da Universidade de Londres, Brian Simon recebeu duas homenagens póstumas: a constituição do “Arquivo Brian Simon” de História da Educação e a criação da “Cátedra Brian Simon de História da Educação”.

### Fontes e bibliografia

CLYDE, Chitty. *Enterview*. Institute of Education. . London, 30 January, 2012.

CLYDE, Chitty. *The Right to a Comprehensive Education*. Acessado em (6.04.2012): <http://www.socialisteducation.org.uk/node/1?q=article/caroline-benn-memorial-lecture-2002>.

CUNNINGHAM, Peter; MARTIN, Jane. Education and the social order: re-visioning the legacy of Brian Simon. *History of Education*. Vol. 33:5, pp. 497-504. London, 2004.

GRAMSCI, Antonio. Selections from the Prison Notebooks. Edited and translated by Quintin Hoare and Geoffrey Nowell Smith. London, Lawrence & Wishart, 2007. (first edition, 1971).

GOODMAN, Joyce; McCULLOCH, Gary; RICHARDSON, William. (eds). *Social Change in the History of British Education*. Routledge and Kegan Paul, London, 2008.

LOWE, Roy. Do we still need history of education: is it central or peripheral? *History of Education*. Vol. 31, N. 6, November 2002, 491-504. London: Routledge.

McCULLOCH, Gary. *The Struggle for the History of Education* London: Routledge, 2011.

McCULLOCH, Gary. A people’s history of education: Brian Simon, the British Communist Party and Studies in the History of Education, 1780-1870. *History of Education*, vol. 39: No. 4, July 2010, 437-457. London: Routledge.

McCULLOCH, Gary; WOODIN, Tom. Learning and liberal education: the case of the Simon family. *Oxford Review of Education*, v. 36:2, pp. 187-201. London, 2010.

McCULLOCH, Gary. The history of secondary education in *History of Education*. *History of Education*. V. 41, N. 1, January 2012, pp.25-39. London: Routledge. (Special issue: Forty years of History of Education 1972-2011).

RATTANSI, Ali; REEDER, David. *Rethinking radical education*. Essays in honour of Brian Simon. London, Lawrence & Wishart, 1992.

RAGAZZINI, Dario. The Educational Theory of Gramsci in the English Language. s/d. *Brian Simon’s Archive*. SIM/6/3/2.

---

<sup>17</sup>McCULLOCH, Gary. The history of secondary education in *History of Education*. *History of Education*, v.41, n. 1, January 2012. p. 35-39.

SAVIANI, Dermeval; CARVALHO, M. Marta Chagas de; VIDAL, Diana; ALVES, Cláudia; GONÇALVES NETO, Wenceslau. Sociedade Brasileira de História da Educação: Constituição, organização e realizações. *Sociedade Brasileira de História da Educação*. Acessado em (03/03/2012): <http://sbhe.org.br/modules/publisher/item.php?itemid=95>

SIMON, Brian. **A Life in Education**. London: Lawrence & Wishart, 1998.

SIMON, Brian. *Does Education Matter?* London: Lawrence and Wishart, 1985.

SIMON, Brian. *Studies in the History of Education 1780-1870*. London: Lawrence & Wishart, 1960.

SIMON, Brian. *Education and the Labour Movement, 1870-1920*. London: Lawrence & Wishart, 1965.

SIMON, Brian. *The politics of Educational Reform, 1920-1940*. London: Lawrence & Wishart, 1974.

SIMON, Brian. *Education and The Social Order, 1940-1990*. London: Lawrence & Wishart, 1991.

SIMON, Brian. *Intelligence, Psychology and Education: a Marxist Critique*. London: Lawrence & Wishart, 1971.

SIMON, Brian. The history of education. In: TIBBLE, J. W. *The Study of Education*. London: Routledge and Kegan Paul, 1966. p. 91-131.

SIMON, Brian; MULLER, Detlef; RINGER, Fritz. *The rise of the modern educational system: Structural change and social reproduction 1870-1920*. Cambridge University Press, London, 1987.

SIMON, Brian. Contemporary problems in educational theory. *Marxism Today*, June, 1976. P. 169-177.

SIMON, Brian. Secondary school selection: a reply to the intelligence-testers. *Marxism Today*, January, 1958. P. 13-20.

SIMON, Brian. Intelligence, race, class and education. *Marxism Today*, November, 1970. P. 327-339.

SIMON, Roger. *Gramsci's Political Thought: An Introduction*. London: Lawrence & Wishart, 1982 (reprinted 1985, 1988, 2005).